



# Cinema negro baiano

Registro da trajetória do cinema  
negro baiano através dos séculos XX e XXI

POR **LECCO FRANÇA\***

**A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL** de profissionais negros, negras e negres tem crescido exponencialmente no Brasil nas últimas décadas, redesenhando o cenário da cinematografia nacional hegemônica ainda marcada por segregações, apagamentos e estereótipos. Os filmes produzidos nesse contexto, que constituem o chamado Cinema Negro Brasileiro, de um lado, têm oferecido novas formas de abordagem e outras narrativas das experiências das populações afro-brasileiras; de outro, evidenciam intensas disputas internas diante das relações de poder que configuram o mercado cinematográfico brasileiro em diversos âmbitos, como produção, distribuição etc.

No intuito de visibilizar o trabalho de cineastas negros, negras e negres da Bahia, em especial, no campo da memória, foi publicado o livro *Cinema negro baiano*, em 2021, pela editora Emoriô, de Salvador, Bahia. O livro representa uma memória escrita das mais expressivas trajetórias e obras ao longo dos séculos XX e XXI. Organizada pelos professores e pesquisadores Mile Silva e Lecco França e pelas cineastas Cintia Maria e Jamile Coelho, a obra tem o intuito de promover e projetar memórias, narrativas e histórias que integram uma parte significativa do cinema baiano, ainda desconhecida e até menosprezada pela historiografia hegemônica, além de atualizar os debates teóricos-críticos na área do audiovisual com conceitos e chaves analíticas condizentes com as particularidades dessas produções fílmicas.

A obra está dividida em quatro partes: Artigos e ensaios, Entrevistas, Linha do Tempo do Cinema Negro Baiano (pós-2000) e Catálogo de Profissionais do Audiovisual Baiano. Na primeira seção, sete textos produzidos por importantes pesquisadores e pesquisadoras do país objetivam trazer discussões teóricas, propostas temáticas, análises críticas e resumos biográficos, a partir de abordagens das mais diferentes. Em *Cinemas negros: do Recôncavo à Kova*, a pesquisadora Máira Zenun apresenta uma reflexão sobre os conceitos de cinema negro, a partir de sua trajetória acadêmica afrodiaspórica pela América, África e Europa, sem perder o olhar para a Bahia, esse mundo tão à parte. Já em *Cinema negro feminino baiano: ancestralidade, estética e identidade*, as pesquisadoras Edileuza Penha de Souza e Ana Luiza Maciel Marques exploram as vertentes do cinema negro baiano a partir da perspectiva feminina, com ênfase nas trajetórias das cineastas Urânia Munzanzu, Glenda Nicácio, Jamile Coelho e Safira Moreira. Na sequência, o artigo *Memórias, identidades e culturas afrodiaspóricas no cinema negro baiano*, de Letícia Maria de Souza Pereira, debruça-se sobre o tema das memórias e culturas afrodescendentes na produção audiovisual negra da Bahia, ilustradas especialmente no curta-metragem *O dia de Jerusa*, da cineasta baiana Viviane Ferreira.

Ainda nesta mesma seção, o artigo *Irun Ori: fio crespido que liga narrativas entre África e diáspora*, da pesquisadora Evelyn Sacramento, que analisa como padrões fenotípicos e de estética brancocentrada no audiovisual afetam pessoas negras, em especial mulheres, e ilustra sua abordagem com o curta-metragem *Irun Orí*, da cineasta baiana Juh Almeida, uma contranarrativa discursiva que celebra e valoriza as estéticas negras do corpo. Já *Divina memória: a religiosidade no cinema como um caminho à ancestralidade*, de Morgana Gama de Lima e Taissa Dias, apresenta uma pertinente discussão sobre a questão religiosa em produções do audiovisual baiano, analisando diferentes perspectivas e abordagens de manifestações religiosas cristãs e afrodescendentes, em filmes contemporâneos, a exemplo

de *Café com canela*, de Glenda Nicácio e Ary Rosa, e *Travessia*, de Safia Moreira. *Festivais, mostras e cinemas negros na Bahia: uma história em curso*, da professora e estudiosa Izabel de Fátima Cruz Melo, por sua vez, investiga as estratégias de circulação de filmes do cinema negro baiano, a exemplo de mostras e festivais brasileiros, e reitera a importância de eventos locais para a divulgação, fortalecimento e formação de plateias para as produções desse cinema como a Mostra Ousmane Sembene de Cinema (MOSC) e a Mostra Itinerante de Cinemas Negros Mohamed Bamba (MIMB). Finalizando a seção, o cineasta, professor e cineclubista Clementino Junior, no ensaio *Olhar estrangeiro: a perspectiva de um cineclubista sobre o cinema preto baiano*, reflete sobre os impactos de produções audiovisuais negras da Bahia em sua atuação enquanto cineclubista e cineasta, e analisa as reverberações das políticas públicas para o audiovisual na distribuição dessas produções.

A segunda parte do livro reúne cinco entrevistas com personalidades do cinema negro baiano em suas diferentes fases: Roque Araujo, Antonio Pitanga, Antonio Olavo, Lindiwê Aguiar e Gabriela Barreto. Roque Araújo é uma verdadeira memória viva do cinema brasileiro. Nessa entrevista, ele relata fatos importantes da sua trajetória pessoal e profissional, completamente atrelada à própria história do cinema produzido na Bahia, entre as décadas de 1950 e 1980, tendo atuado e trabalhado nos mais importantes filmes realizados no território baiano, a exemplo de *A grande feira* (1961), de Roberto Pires, e *Deus e o diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha. Antônio Pitanga é outro nome representativo, com uma sólida carreira no audiovisual como ator, do qual participou de inúmeros filmes do chamado Cinema Novo, também assumiu a função de diretor nos filmes *Na boca do mundo* (1977), considerado um marco do cinema negro brasileiro, e do recente *Malês* (em fase de produção). Já Antônio Olavo, que iniciou sua trajetória no cinema na década de 1970, tem uma importante

produção fílmica na área do documentário, destacando personalidades e fatos históricos da Bahia, a exemplo da Guerra de Canudos.

Lindiwê Aguiar, por sua vez, representa um dos nomes de destaque no cinema negro baiano realizado por mulheres. Na entrevista, a cineasta e produtora ressalta a importância dos cursos de formação de profissionais do audiovisual, a exemplo do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, instituição filantrópica, que, com suas oficinas de vídeo na década de 1990, ajudou a formar uma geração de profissionais no setor do audiovisual, assim como ressalta a necessidade de fortalecimento das políticas públicas para o audiovisual na Bahia, para além dos editais. Finalizando a seção, Gabriela Barreto, que iniciou sua carreira no audiovisual no final da década de 1990 e representa uma nova geração de cineastas oriundos dos cursos universitários de cinema na Bahia. Na entrevista, a cineasta destaca a importância do cinema como ferramenta de militância e de combate ao racismo e à misoginia, além da valorização da memória, da negritude e da ancestralidade, a exemplo de um dos filmes mais significativos que dirigiu, *Memórias afro-atlânticas* (2019).

A terceira parte do livro traça uma síntese revisionista de fatos e filmes que marcaram uma das fases da história do cinema negro baiano, a da retomada, a partir dos anos 2000. A criação do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo (UFRB), em 2008, é um dos fatos mais marcantes, pois foi a partir daí que uma nova geração de cineastas surgiu e vem surgindo, trazendo renovação para o cenário do audiovisual. A seção também destaca a criação de festivais e cineclubes, a exemplo do Bahia Afro Film Festival, do Cineclube Mario Gusmão, e das Mostras Ousmane Sembene e Mahomed Bamba, para o fomento e o debate de produções fílmicas produzidas por cineastas negros no território baiano.

# Cinema negro baiano é apenas o começo desse processo de redescoberta, retomada e revisitação das narrativas e trajetórias de cineastas que contribuíram significativamente para a centenária história de cinema no Brasil.

A quarta e última parte do livro reúne 35 pequenas biografias e sínteses cronológicas de obras de cineastas selecionados, selecionadas e selecionades por meio de convocatória pública, profissionais que atuam nas mais variadas funções (diretores, roteiristas, produtores, montadores, entre outras), no intuito de difundir nomes que estão atuando no audiovisual baiano e possibilitar o estabelecimento de uma rede de contatos e parcerias para futuras produções fílmicas.

Uma longínqua e rica história não poderia ser contemplada em apenas uma publicação, mas o livro consegue desempenhar um papel fundamental com um dos primeiros registros contundentes da trajetória do cinema baiano produzido por profissionais negros, negras e negres. *Cinema negro baiano* é apenas o começo desse processo de redescoberta, retomada e revisitação das narrativas e trajetórias de cineastas que contribuíram significativamente para a centenária história de cinema no Brasil. ■

---

\* **LECCO FRANÇA** É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, CINECLUBISTA, CURADOR E CRÍTICO DE CINEMA. FOI IDEALIZADOR DOS ENCONTROS AFRO-LATINO-AMERICANOS (FUNDAÇÃO PEDRO CALMON) E ORGANIZADOR DOS CINECLUBES CINE-DEBATE ÁFRICAS-BAHIA (PROEXT-UFBA) E CINEKANEMA (FUNDAÇÃO PEDRO CALMON). ATUOU NA CURADORIA DAS MOSTRAS EGBÉ – MOSTRA DE CINEMA NEGRO DE SERGIPE, FESTIVAL DE CINEMA BAIANO, MOSTRA ITINERANTE DE CINEMAS NEGROS MAHOMED BAMBA, MOSTRA HÍBIDA E DIVERSÁFRICAS, E É PROGRAMADOR E MEDIADOR DO CINECLUBE ANTÔNIO PITANGA (MUNCA/NUBAS). PARTICIPOU DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO TALENT PRESS NO BRASIL (FESTIVAL DO RIO), PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO E TREINAMENTO VOLTADO PARA JOVENS JORNALISTAS E CRÍTICOS DE CINEMA DE PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. TEM TEXTOS CRÍTICOS PUBLICADOS EM DIFERENTES REVISTAS, LIVROS E SITES ESPECIALIZADOS. FOI UM DOS ORGANIZADORES DO LIVRO *CINEMA NEGRO BAIANO*, PUBLICADO EM 2021, PELA EDITORA EMORIÔ (SALVADOR, BAHIA).